

vida e complicada por referências ao pensamento de Mao Tsé-Tung (o Guénon chinês).

René Guénon escreve, por exemplo, em *Le Règne de la Quantité et les Signes des Temps*, página 181 da edição de bolso da Gallimard (Idées), falando a respeito dos geógrafos modernos:

“Eles proclamam triunfalmente que ‘a Terra atualmente está inteiramente descoberta’, o que não é tão verdadeiro quanto eles pensam, e acham que, ao contrário, ela era desconhecida dos antigos na sua maior parte, no que podemos nos perguntar a que antigos pretendem se referir ao certo”. Também escreve, às páginas 182 e 183 da mesma edição:

“Ora, existe realmente uma ‘geografia sagrada’ ou tradicional, que os modernos ignoram tão completamente quanto os demais conhecimentos do mesmo gênero; existe um simbolismo geográfico assim como um histórico, e é o valor simbólico das coisas que lhes dá a sua significação profunda, pois é por meio dele que se estabelece sua correspondência com as realidades de ordem superior; porém, para determinar efetivamente esta correspondência, é preciso ser capaz, de uma maneira ou de outra, de perceber nas próprias coisas o reflexo destas realidades. É por isto que existem lugares especialmente adequados para servir de ‘suporte’ à ação das ‘influências espirituais’, e é nesses lugares elevados que sempre repousou o estabelecimento de determinados ‘centros’ tradicionais principais ou secundários, dos quais os ‘oráculos’ da antiguidade e os lugares de peregrinação fornecem os exemplos mais aparentes externamente; também há outros lugares que são não menos particularmente favoráveis à manifestação de ‘influências’ de um caráter completamente oposto, pertencentes às mais baixas regiões do domínio sutil; mas, que bem pode fazer a um ociden-

tal moderno que haja, por exemplo, em tal lugar uma ‘porta dos Céus’ ou num outro uma ‘boca dos Infernos’ se a ‘espessura’ da sua constituição ‘psicofisiológica’ é tal que, nem num nem noutro, consegue sentir absolutamente nada de especial? Portanto, estas coisas são literalmente inexistentes para ele, o que, é claro, não quer dizer que tenham deixado realmente de existir.”

Entretanto é interessante pensar que a teoria geral deste nível de energia é factível cientificamente por meio da matemática. Pregas topológicas, superfícies de Riemann, extratos, devem ser expressões matemáticas diferentes de uma mesma estrutura. Alguém, mais competente do que eu, ainda fará algum dia a sua síntese.

Sete destes níveis de energia, sete dwipas, são terras como as nossas, embora com outros continentes e outros oceanos. Aconteceu no passado distante, correspondente aliás a épocas biológicas que os cientistas conhecem como o primário e o secundário, que alguns continentes e oceanos pertencentes a um outro dwipas aparecessem na Terra e vice-versa. Isto não corresponde absolutamente a uma catástrofe e explica determinadas transformações que os geólogos não compreendem.

Pelo menos um dos dwipas é habitado. Ali reside o Rei do Mundo, que guarda o que há de essencial na humanidade, as aspirações espirituais.

Ao seu redor, na sua cidade, que as tradições denominam, conforme a origem da Tradição, Avalon, Luz, Tir-Nam-Beo, Shamballah, encontra-se um centro da tradição e da pesquisa. Na nossa Terra, algumas sociedades secretas têm o dever de proteger os acessos a esses centros e de se sacrificar até a morte e a tortura para que esses acessos não sejam descobertos. Elas são a “cobertura exterior” do centro. Os templários foram um exemplo disto.